

Editorial

Henrique Manuel Guimarães

Com este número, o segundo relativo a 2010, a *Quadrante* completa o seu volume XIX. Com cinco textos incluídos, trata-se de um número com algumas características interessantes que merecem menção, como a diversidade dos temas estudados e das perspectivas teóricas e metodológicas das investigações associadas, e ainda a natureza dos trabalhos apresentados. É também de referir a diversidade na nacionalidade dos autores dos textos publicados: brasileira, norte-americana e portuguesa.

Quatro dos textos, os primeiros no número, apresentam quatro estudos sobre temas distintos: o sentido de número, os exames de Matemática, Geometria e Materiais didáticos e as Concepções e crenças. O primeiro é uma investigação empírica no sentido mais habitual, os dois seguintes são estudos históricos e o quarto uma análise teórica. O quinto texto é uma entrevista.

Assim, abre o número um artigo sobre o desenvolvimento do sentido de número racional desenvolvido com alunos do 7.º ano escolaridade. O artigo estuda o significado que os alunos atribuem aos números e às operações e aos contextos em que os trabalham e destaca, não apenas o “pouco significado” sobre estes aspectos que os alunos manifestaram, como uma fraca compreensão dos números racionais quando são confrontados com outras representações “para além da fracção e da forma decimal”. Destaca ainda que a maior parte dos alunos estudados mostrou “poucas competências de comparação e ordenação de números racionais”.

Dos dois estudos históricos, um deles, analisando textos de imprensa sobre os exames de Matemática no período entre 1947 e 1974, propõe uma “reflexão comparativa” com a actualidade sobre as polémicas havidas sobre os exames, procurando evidenciar que as “controvérsias” que, sobre este assunto, vêm à imprensa nos dias de hoje, eram também difundidas nos jornais durante o Estado novo, “apesar do cariz ditatorial” da governação nesse período.

O segundo dos estudos históricos, um estudo realizado no Brasil, analisa “as práticas e discursos escritos”, nos anos 60 e 70 do século passado, no que se refere ao ensino da geometria e à utilização de materiais didáticos. Com base na análise de textos normativos e em entrevistas a professores desses anos, o estudo conclui que, se a análise documental mostra que as ideias do movimento reformador da época (a Matemática Moderna), recomendando o uso de materiais didáticos diversos, foram incorporadas no “discurso escrito” normativo em Santa Catarina, o mesmo não aconteceu nas práticas de ensino.

Essas ideias, diz-se no estudo, terão sido limitadamente aplicadas pelos professores, tendo a geometria continuado “sendo ensinada de forma abstrata e formal, sendo rara a presença de materiais didáticos”.

O quarto texto na sequência dos artigos publicados é uma análise teórica sobre alguns conceitos frequentemente utilizados na investigação sobre o conhecimento ou o pensamento do professor: concepções, crenças e conhecimento. No texto, estes conceitos são analisados confrontado perspectivas de vários autores, procurando evidenciar “distinções e afinidades”, nomeadamente entre concepção e conhecimento, concepção e crença, entre crença e conhecimento. Este trabalho discute também a natureza e papel dos sistemas conceptuais, como se caracterizam e organizam, e como se constituem e evoluem.

Fecha o número um texto singular que a *Quadrante* muito se congratula em poder publicar e que junta duas pessoas com grande reconhecimento internacional, nomeadamente no seio da comunidade da educação matemática. Trata-se de uma entrevista a George Pólya (1887–1985), realizada por Jeremy Kilpatrick em 1978, seu ex-aluno e colaborador, tinha Pólya acabado de fazer 90 anos, e que Kilpatrick teve a amabilidade de ceder para tradução e publicação. A entrevista trata sobretudo das “capacidades matemáticas” e, para além do que nos diz sobre as ideias de Pólya a esse respeito, mostra também alguns aspectos da sua vida e personalidade: a sua “perspicácia e charme”, por exemplo, que Jeremy Kilpatrick, evoca na introdução, aludindo aos momentos em que Pólya, na entrevista, “pacientemente, se debate com as perguntas desajeitadas do seu antigo aluno”.

Henrique Manuel Guimarães